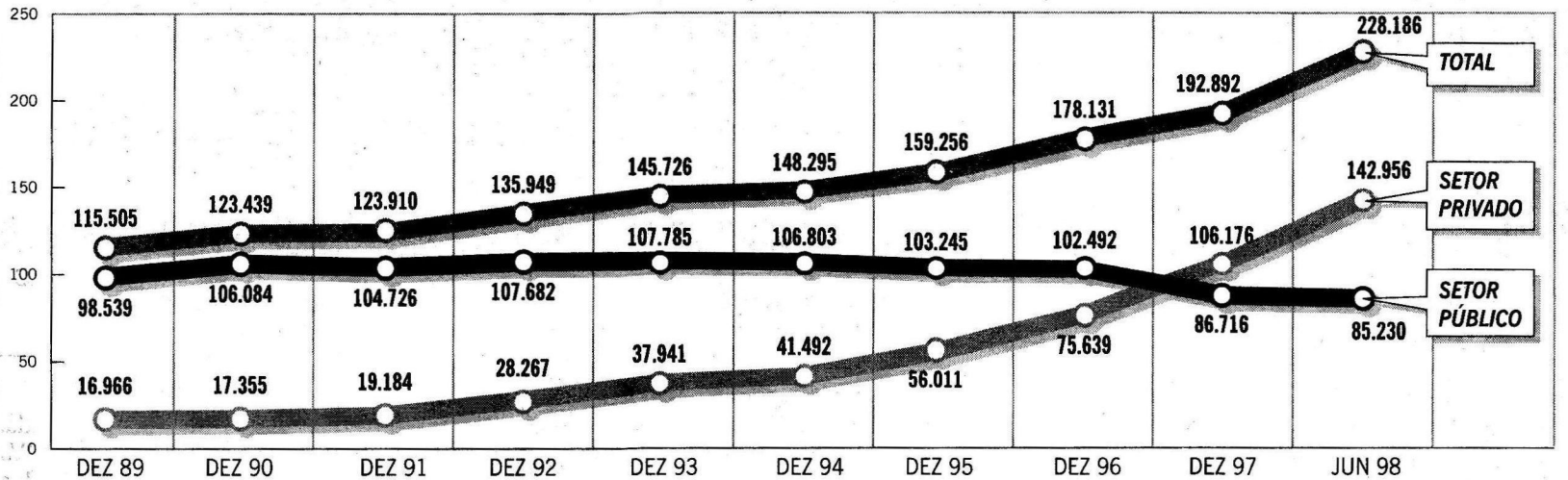


DÍVIDA EXTERNA TOTAL (EM US\$ MILHÕES)



Governo vai lançar títulos no exterior para tentar reabrir mercados ao setor privado

Estratégia também foi usada para recuperar fluxo de crédito externo em outubro de 97

Sheila D'Amorim e
Maria Luiza Abbott

• **BRASÍLIA.** O Banco Central (BC) quer fazer o setor privado voltar ao mercado internacional, lançando títulos da República no início de 1999. Como os papéis do Governo têm risco menor, a idéia é que esse lançamento sirva como referência de preço para as captações de empresas e bancos brasileiros. Essa estratégia já fora adotada para recuperar o fluxo de crédito externo, interrompido com a crise da Ásia, em outubro de 1997. O BC lançou bônus da República na Europa, em março deste ano, dando o primeiro passo para restabelecer o fluxo de recursos para o país.

A expectativa do Governo é de que, até o início do ano, a confiança do mercado no país tenha se restabelecido, permitindo a retomada de financiamento a custos menores. Já começam os sinais de restabelecimento do fluxo de capitais aos mercados emergentes, como a colocação de US\$ 750

milhões em bônus feita pelo Governo argentino, na semana passada, ao custo de seis pontos percentuais acima da remuneração dos títulos do Tesouro americano. Essa taxa ainda está acima do que a Argentina pagava antes da crise (em torno de quatro pontos percentuais), mas é um sinal de que o mercado está reabrindo.

— Já está havendo rolagem e colocações de papéis de empresas brasileiras no mercado. Só não há novas operações — diz Altamir Lopes, chefe do Departamento Econômico do BC.

Desde agosto, dívida privada caiu mais do que a pública

A crise internacional fechou os mercados para o Brasil e, com isso, empréstimos feitos a empresas e bancos brasileiros que estavam vencendo tiveram que ser quitados. Diante do risco de uma desvalorização do real, empresas também aproveitaram a queda da cotação dos papéis brasileiros no exterior e compraram as próprias dívidas, antecipadamente, mas

com desconto. Por outro lado, credores externos decidiram exigir pagamento antecipado, como previam alguns contratos. Combinado com isso, o medo fez com que investidores estrangeiros e até brasileiros fugissem do país, levando seus dólares. O resultado foi a perda de reservas.

Outro resultado foi uma queda da dívida do setor privado maior do que a do setor público. O mercado calcula que saíram cerca de US\$ 9,2 bilhões para pagamentos de dívida desde agosto, mês da moratória da Rússia. Desse total, cerca de US\$ 8,8 bilhões correspondem à quitação de débitos de empresas e bancos e apenas US\$ 416 milhões à amortização de dívida pública.

— Está em curso a estatização da dívida externa — diz o economista Paulo Nogueira Batista Jr.

Apesar desse quadro, o novo ciclo de endividamento externo brasileiro, que começou por volta de 93, caracterizou-se pela maior participação do setor privado, que passou a tomar crédito junto

a instituições financeiras internacionais. De 1992 a junho de 1998, a dívida externa pública caiu de US\$ 107,68 bilhões para US\$ 85,23 bilhões. No mesmo período, a dívida privada subiu de US\$ 28,26 bilhões para US\$ 142,95 bilhões.

Para economista, mudança no perfil é transitória

Com a crise, esse movimento começou a se inverter e a parcela do Governo na dívida cresceu proporcionalmente. Além disso, a queda das reservas fez a dívida externa pública aumentar, pois ela é calculada deduzindo seu valor das reservas. E, como o mercado está fechado para empresas e bancos, o Governo teve que buscar os dólares necessários para cobrir os pagamentos que serão feitos e preservar as reservas.

— Essa mudança no perfil da dívida é transitória, pois, se tudo der certo, os recursos não serão usados pelo Governo e o mercado vai se reabrir para o setor privado — completa o economista Octávio de Barros. ■